

APRESENTAÇÃO

HISTÓRIA E ARTE: DIÁLOGOS E PERCURSOS

“Em outras palavras, vale a pena tentar escutar os silêncios, embora às vezes seja difícil interpretá-los. Os "atos de silêncio" humanos, como os chamam os linguistas, sempre têm um sentido, seja esse consciente ou inconsciente, embora certos silêncios sejam mais valiosos ou mais carregados de significação que outros. Nós os chamamos às vezes de silêncios "significativos" ou "eloquentes", aconteçam eles ora nos discursos, ora nos sermões, ora nas peças de teatro ou nos concertos musicais. Esses silêncios são eloquentes porque são pausas deliberadas que acontecem na hora apropriada, equivalentes aos espaços vazios na arquitetura ou na pintura. Podem ser até mais efetivos quando são inesperados.

Em outras palavras, o silêncio é uma arte, como diziam nossos antepassados, a arte de domar a nossa língua. É um saber que pode e precisa ser aprendido”. Peter Burke, 1999.

Com essas palavras do historiador cultural Peter Burke, inicio esse dossiê sinalizando como o métier de historiador nos interpela a “ler silêncios” e visualizar os regimes de historicidade. Ao propor essa coletânea que traz a interface da “História e Arte”, a Cordis, Revista vinculada ao Núcleo de Estudos em História Social da Cidade, o NEHSC, integrante das atividades do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História da PUC-SP, revela como pesquisadores e pesquisadoras lidam em seus trabalhos tendo a arte como constituinte da história.

Na primeira parte, os artigos do dossiê partem de diferentes abordagens historiográficas que se fundem em escala maior ao compromisso da novidade, da leitura aguçada e curiosa,

proporcionando ao leitor e a leitora conhecimentos que perpassam épocas, cidades, escolas artísticas e ethos humanos.

No texto *“Todas as encantatrizes da ópera em Manaus: uma análise do quadro Imortalidade de Branco e Silva, 1946”*, tento mostrar a construção da imagem de um quadro alegórico intimamente ligado a um momento da história da cidade de Manaus e do centenário Teatro Amazonas. Janaína Silva Xavier e Rodrigo Pereira da Silva, com uma leitura perspicaz estabelecem em *“Tutancâmon e a sua autorrepresentação e a de seus inimigos na iconografia”*, uma perspicaz leitura de como a construção de um faraó está ligada demais a seu poder, em contrapartida a minimização de seus adversários. A discussão acerca da autenticidade e veracidade a obra de arte, do monumento enquanto documento no texto *“Monumento a Ramos de Azevedo: uma aproximação às questões de sua autenticidade”*, de Haroldo Gallo e Amanda Regina Celli Lhobrigat traz à tona a eterna discussão histórica sobre o que é e o que é vivido em meio aos homens no espaço urbano. Com uma escrita pertinente e contemporânea, o autor Vilson André Moreira Gonçalves, no seu *“A mise-en-scène de Gotham em Batman Begins, de Christopher Nolan”*, nos apresenta como a representação da arte dos HQs tomam uma dimensão de história a partir do momento e da mente de quem os constitui, possibilitando ao leitor novos olhares de personagens já bem conhecidos por nós.

Prosseguindo, no texto *“Imagens e escritos nas mudanças da Contrarreforma Católica na arte ocidental: uma leitura possível”* as autoras Mariza Silva de Araújo e Alyne Marinho César Miranda, nos proporcionam olhar o movimento da Contrarreforma Católica a partir

das produções artísticas. A inovação na proposta faz-nos pensar em como a arte sempre refletiu os ideais dos tempos, eventos e ocorrências em quem forma estabelecidas. A autora Rejane Bonomi Schifino no seu *“Políticas públicas em dança: uma análise dos projetos político-pedagógicos de instituições de ensino de dança do estado de Goiás (2012-2017)”*, faz uma importante apresentação de como a dança atrelada ao sentido de arte-educação e ensino viabiliza uma política pedagógica possível, atraente e inovadora. Nessa mesma premissa de arte enquanto produção de qualidade de vida e desenvolvimento psicomotor, Elizabete Agrela de Andrade e Mônica de Fátima Freires da Silva apresentam o artigo *“Arte como estratégia de cuidado para a saúde mental”*, enfatizando como a arte faz-nos ser mais e melhor no tempo e espaço bem como dinâmicos e sinérgicos.

Livia Badaró Fabrício no seu texto *“Música e política: o rock dos anos 80 e as representações sobre a sociedade brasileira”*, mostra um balanço de como a música, o rock brasileiro dos anos 80 refletem anseios, angústias, perspectivas e sonhos, de uma sociedade brasileira que ousava, que resistia e sobrevivia frente aos “anos de chumbo”. Finalizando o dossiê, Francisco Isaac de Oliveira, no seu *“O traçado urbano e a construção da cidade Barroca: São Paulo no século XVIII”*, nos caracteriza uma São Paulo diferente da que conhecemos hoje com seus arranha-céus e arquitetura moderna, uma cidade barroca do século XVIII é possível como nos mostra o autor, pensar a cidade com outros olhos, que permeiam a fase bem anterior a que conhecemos hoje.

Na sessão de artigos livres, temos uma diversidade de temas que perpassam por tradições, invenções tradições no sentido que Eric

Hobsbawm deu ao termo, festas, religiosidades, costumes, cidades. Cada autor destaca as suas visões e sentidos que são constantes nas discussões da História Social e Cultural. No texto “*Representações portuguesas inéditas das festividades carnavalescas em Roma na aurora do século XVI*”, Paulo Catarino Lopes, nos apresenta uma leitura aguçada sobre o carnaval romano do século XVI. Na mesma ótica, Felipe Augusto Xavier em seu “*O carnaval de clubes de Rio Novo: a segregação e a rivalidade nos folguedos de uma cidade do interior de Minas Gerais (1907-1979)*”, o autor destaca também como no alvorecer do século XX, em Minas Gerais grupos de folguedos realizavam suas rivalidades tendo a festa como pano de fundo. No texto “*As festas do divino Espírito Santo em São Paulo: rituais e testemunhos*”, de Elis Regina Barbosa Ângelo, vemos uma São Paulo a partir das vivências das folias, das festas do Divino onde o Sagrado e o Profano se mesclam de forma solene. No tema\rio das festas religiosas ainda, Tânia Maria Moreno em seu “*As festas e tradições do catolicismo brasileiro: participação das associações leigas nas festividades públicas e oficiais*”, nos mostra como as festas católicas eram (e em alguns casos são ainda), organizadas, pensadas, e construídas a partir das associações leigas que assumiram formas e tons de múltiplos atores.

Prosseguindo a sessão de artigos livres, “*Os intelectuais e o discurso sobre a saúde nos jornais e periódicos sanjoanenses no início do século XX*”, a autora Alice Conceição Christóforo, apresenta como um jornal representava e alertava sobre saúde a partir da leitura de uma intelectualidade específica. Sobre periódicos, os autores Denilson

Botelho de Deus e Vitória Ribeiro, em seu *“Imprensa como fonte para a história social da cidade: o caso do jornal O Combate”* constroem uma narrativa de história da cidade a partir da leitura de um jornal que destaca a cidade como palco de diferentes acontecimentos. No texto *“A fazenda do Seminário do Jardim Antártica: história, memória e preservação”*, o autor Rodolfo Rodrigues de Almeida, traça uma feliz e importante trajetória histórica do Seminário, uma instituição cuja função confunde-se com sua história. Por fim, em *“Ascensão e queda da justiça de transição no Brasil: a análise das medidas adotadas para a preservação da memória histórica nacional no período de 1988 a 2019”*, o autor Eugeniusz Costa Lopes da Cruz, nos propõem uma leitura síntese da projeção da memória do Brasil entre a Redemocratização aos anos 2019. O balanço do autor é repleto de informações valiosas e de forte teor analítico.

Temos ainda nesse volume uma resenha bastante expressiva *“Rio de Janeiro: Álbum Pitoresco-Musical”*, no qual o autor, Lucas Taoni, apresenta-nos como a musicalidade do Rio de Janeiro, se faz proeminente e importante instrumento social. E temos ainda a *“Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva”*, realizada por Valéria Barbosa de Magalhães, que nos mostra importantes conversas com a proeminente socióloga e pesquisadora do CNPq.

Antes de finalizar, gostaria de agradecer a professora Dra. Yvone Avelino pelo convite a coordenar essa edição desta importante Revista, e ao Professores Dra. Arlete Assumpção e Dr. Francisco Carlos Ribeiro pela confiabilidade e ajuda em tocante a edição. Esperamos que a leitura

destes textos fomenta discussões e novidades a nossa área científica, a História e, que encorajem novos autores a divulgarem suas pesquisas.

Dr. Bruno Miranda Braga
Coordenador da edição